

REVENDO QUINCAS BORBA E RUBIÃO
REVISING QUINCAS BORBA AND RUBIÃO

*José Luís Jobim**

RESUMO: Análise do romance *Quincas Borba*, enfocando o personagem principal, Rubião, e as questões comparativas referentes às idéias científicas do período e ao romance anterior, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

PALAVRAS-CHAVE: Romances machadianos, *Quincas Borba*.

ABSTRACT: We will examine *Quincas Borba*, the novel by Machado de Assis, focusing on the main character, Rubião, and on the comparative issues related to the scientific ideas of the period and to Machado's previous novel *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

KEY WORDS: Machado de Assis novels, *Quincas Borba*.

* Professor Titular da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Professor Associado na Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Cnpq.

REVENDO QUINCAS BORBA E RUBIÃO

Quincas Borba foi primeiramente publicado no periódico *A estação*, entre 1886 e 1891, e a ação da narrativa se passa entre 1867 e 1871. A versão final em livro foi publicada em 1891, e operou um corte de muitas passagens que tornariam claras ou explícitas as intenções dos personagens e das suas ações, transformando a versão final em um texto mais ambíguo e aberto a muitas possibilidades interpretativas. Na sua fase madura, Machado decididamente optou pela sutileza e pela sugestão, em vez da explicitação naturalista.

O título do romance pode levar o leitor a supor que o conteúdo seja uma narrativa sobre o personagem Quincas Borba, quando, na verdade, o foco estará em Rubião. O nome *Quincas Borba* refere-se tanto ao cachorro herdado por Rubião, como parte do espólio do “filósofo” Quincas Borba, quanto ao próprio personagem de um romance anterior de Machado.

No tempo de Machado de Assis não era novidade a presença de um personagem que já tivesse aparecido em romance anterior. Balzac já havia adotado o procedimento em sua *Comédie Humaine*, e Machado foi leitor de Balzac¹. Assim, o narrador torna claro ao leitor a referência ao personagem Quincas Borba, que já tinha aparecido em *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

¹ Machado cita explicitamente Balzac em seus contos, crônicas e crítica.

“Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida; mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los.” (Cap. IV).

A partir da segunda edição do livro (1896), o próprio Machado de Assis escreve prólogos que reiteram a recorrência. No prólogo à segunda edição, ele não só afirma a ligação com o romance anterior, como faz uma avaliação sobre esta:

“Já na primeira edição se disse (capítulo IV) que o título do livro é o nome de um personagem que aparece nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Se lestes os dois livros, sabeis que é o único vínculo entre eles, salvo a forma, e ainda assim a forma difere no sentido de ser aqui mais compacta a narração.”

No prólogo da terceira edição, de 1899, Machado comenta a expectativa de que ele venha a fazer mais um romance, em que a personagem Sofia seja protagonista:

“Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. “Com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a Sofia de *Quincas Borba* ocupará exclusivamente a terceira parte.” Algum tempo cuidei que podia ser, mas relendo agora estas páginas concluo que não. A Sofia está aqui toda. Continuá-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria um pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida.”

O “amigo” a que se refere Machado é o crítico José Veríssimo, que, já em 1892, ao fazer a crítica deste romance, chamara a atenção para a ambigüidade do título, com a dupla referência ao “filósofo” Quincas Borba e

a seu cachorro². José Veríssimo lembra também que o “filósofo” não tinha em boa conta a Rubião, a quem legou o cão, classificando-o como “asno”. No entanto, é importante também chamar a atenção sobre o que representa o personagem Quincas Borba e o seu pensamento, já que a crítica do final do século XX em diante tem ressaltado o papel deste personagem como encarnação das idéias cientificistas que circulavam no Brasil à época de Machado³. Já se chamou a atenção sobre a relação entre este “filósofo” e o pensamento de Augusto Comte ou Charles Darwin e seus epígonos. Alfredo Bosi assinalou que o humor machadiano “parodia as doutrinas do século, positivismo e evolucionismo, e as traz na boca de um mendigo aluado [Quincas Borba]”⁴, que aparece primeiro no romance anterior, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba é primeiramente apresentado como colega de escola de Brás Cubas, que é narrador e personagem principal da estória. Quincas era um menino “gracioso, inventivo e travesso”, mimado pela mãe, que andava sempre “com um vistoso pajem atrás”, marca de seu pertencimento à classe dominante. Nas brincadeiras, ele só gostava de fazer papel de membro desta classe⁵.

Passam-se os anos, e Brás Cubas reencontra Quincas Borba, agora “um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido”, com roupas

² Na versão em folhetim, logo no capítulo I, o narrador já afirmava que “(...) o nome era comum ao cachorro e ao dono.” Machado de Assis. *Quincas Borba*; apêndice. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1970. p. 10.

³ John Gledson diz que, com o Humanitismo, “Machado está atacando os grandes sistemas otimistas, como os de Hegel ou Comte, que postulam a crença em alguma forma de progresso inevitável, e, juntamente com eles, a crença ingênua na bondade da existência. Machado tem um predecessor óbvio em Voltaire: realmente, Quincas Borba defende várias vezes o absurdo Pangloss, dizendo que ele ‘não era tão tolo como o pintou Voltaire’”. In: John Gledson. *Machado de Assis – impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 146. Ronald de Melo e Souza acrescenta novas facetas ao diálogo de Machado de Assis com as idéias filosóficas da época em *O romance tragicômico de Machado de Assis*. (Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.) Cf. especialmente o capítulo 6 (“O drama tragicômico de Quincas Borba”).

⁴ Alfredo Bosi. *Brás Cubas em três versões*; estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 29-30.

⁵ Cf. Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo XIII: “Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios.”

velhas, largas e rotas. Brás Cubas “não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era.”⁶.

Quincas Borba justifica-se dizendo que teve uma vida de misérias, de atribuições e de lutas e termina rememorando o passado comum entre ambos: “Lembra-se das nossas festas, em que eu figurava de rei? Que trambolhão! Acabo mendigo...”⁷.

Brás Cubas lhe diz que vá procurá-lo para arranjar emprego, mas Borba descarta a possibilidade de trabalhar e pede dinheiro para comer. Depois que Brás Cubas lhe dá o dinheiro, ao despedir-se o mendigo lhe furta o relógio. Tempos depois, Quincas Borba lhe escreve, dizendo que ficara rico (“ele herdara alguns pares de contos de réis de um velho tio de Barbacena”), devolvendo-lhe o relógio e falando-lhe de um “um novo sistema de filosofia”: “Chamo-lhe Humanitismo, de *Humanitas*, princípio das coisas. Minha primeira idéia revelava uma grande ênfase; era chamar-lhe borbismo, de Borba; denominação vaidosa, além de rude e molesta.”⁸. O caráter individualista e narcísico desta filosofia é retomado pelo mesmo personagem, no romance *Quincas Borba*, em que diz, no capítulo VI: “... o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo”.

O “filósofo”, então, cujas idéias foram reunidas em “quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas”⁹, expõe seu pensamento, uma mistura das idéias cientificistas da época, articuladas de forma a gerar efeitos humorísticos no leitor.

Supostamente, o sistema explica tudo. Quando morre a noiva de Brás Cubas, em uma epidemia de febre amarela, por exemplo, o “filósofo” explica que “(...) epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para uma certa porção de indivíduos; (...) por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número.”¹⁰. As guerras também teriam esta “vantagem”, e, de todo modo, trata-se de uma “filosofia” que é centrada no próprio homem e que acredita que a terra

⁶ Cf. Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo LX.

⁷ Idem.

⁸ Idem, Capítulo XCI.

⁹ Idem, Capítulo CXVII.

¹⁰ Idem, Capítulo CXXVI.

foi “inventada unicamente para seu recreio, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibarbo”¹¹.

“Uma vez que o homem se compenetra bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assinar alguns milhares de anos.”¹²

Conceber leis universais ou esquemas deterministas mecânicos que supostamente explicariam a vida ou as relações sociais não era incomum no século XIX. A teoria da “sobrevivência dos mais aptos” (*survival of the fittest*) darwiniana foi um dos produtos daquele século, e, ainda que não fosse exatamente este o desejo de seu autor, serviu mesmo para justificar a instalação e os efeitos do capitalismo de então. Tratava-se de uma racionalização para as desigualdades: os “mais aptos” inevitavelmente teriam melhores recompensas do sistema, ignorando-se as enormes diferenças entre membros da mesma sociedade, devidas a circunstâncias de classe, acesso a educação e saúde etc., que de fato constituíam os fundamentos da suposta “aptidão” maior de uns em relação a outros. A verbalização do sistema “filosófico” de Quincas Borba destaca as pretensas qualidades de seu darwinismo caricato. Se Humanitas é o próprio homem, e a sobrevivência do homem mais forte é sempre justificável, então se pode entender até a guerra como uma “necessidade”:

“– (...) Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pes-

¹¹ Idem, Capítulo CXVII.

¹² Idem, ibidem.

soa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”¹³

A passagem é uma referência explícita a Darwin, autor que Machado cita em seus contos, crônicas e na crítica, e que constava dos livros que restaram de sua biblioteca¹⁴. No terceiro capítulo da sua *The Origin of Species*, Darwin afirma que a luta pela existência inevitavelmente deriva da elevada taxa de reprodução dos seres orgânicos, e que “Cada ser (...) deve ser submetido à destruição durante algum período de sua vida”, para evitar que o crescimento ilimitado da população se torne tão grande que nenhum país possa suportar:

“Portanto, como mais indivíduos são produzidos do que podem possivelmente sobreviver, deve haver em cada caso uma luta pela existência, seja de um indivíduo com outro da mesma espécie, seja com indivíduos de espécie distinta, ou com as condições físicas da vida.”¹⁵

Darwin seguia aí Thomas Malthus (1766-1834), que acreditava que as populações humanas crescem em progressão geométrica, enquanto os meios de subsistência crescem em progressão aritmética. Isto significaria que, se não houvesse a “destruição” de parte deste contingente populacional (pelas guerras ou pela miséria, por exemplo), o resultado poderia ser o desaparecimento da espécie humana, pela impossibilidade meios para a sobrevivência de todos:

“É a doutrina de Malthus aplicada com variada força a todos os reinos animais e vegetais; porque neste caso não pode haver aumento artificial de comida, nem

¹³ Idem, Capítulo VI.

¹⁴ Cf. José Luís Jobim, org. A biblioteca de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 67. Lá constavam três volumes traduções francesas de Darwin: *La descendance de l’homme et la sélection sexuelle* par Ch. Darwin. Traduit de L’anglais par J. M. Moulinié. Tome premier et Tome second. Deuxième édition sur la dernière édition anglaise. Préface par Carl Vogt. Paris: C. Reinwald, 1873.; *L’origine des espèces au moyen de la selection naturelle ou la lutte pour l’existence dans la nature* par Ch. Darwin. Traduit sur la sixième édition anglaise par Ed. Barbier. Paris: C. Reinwald, 1876.

¹⁵ Charles Darwin. *Selected Texts*. 2ª. ed. New York/London: W. W. Norton & Company, 1979. p. 51.

nenhuma restrição prudente de casamento. Embora algumas espécies possam estar agora crescendo mais ou menos rapidamente em número, todas não podem fazê-lo, porque o mundo não poderia suportá-las.”¹⁶

Quincas Borba é um personagem interessante não só como encarnação de idéias científicas do oitocentos (que, colocadas na boca do “filósofo” aluado, passam a ter outro sentido), mas também porque passa de um extremo a outro do espectro social – de menino abastado a adulto mendigo, e depois a milionário –, mantendo uma certa atitude comum às classes privilegiadas no Brasil, mas que nele talvez passe mais despercebida, ou talvez seja desculpada como efeito de uma demência que se desenvolve. No entanto, considerar-se “o maior homem do mundo” por ter formulado um sistema que é um apanhado de idéias alheias – idéias que justificam de certo modo uma concepção determinista, que vem junto (e algumas vezes em contradição), com as racionalizações de liberdade irrestrita para o sujeito – é uma marca do narcisismo e do autocentramento voluntarioso que já estavam presentes no personagem central do romance anterior (Brás Cubas) e que são vistos por Roberto Schwarz como um traço de classe manifestado naquele personagem. Com efeito, se tudo o que se faz é consequência de Humanitas (mas Humanitas é o homem...), então ao mesmo tempo justifica-se qualquer ação e remete-se esta justificativa a Humanitas...

Acrescente-se que Quincas Borba pode ser visto como caricatura daquela camada dominante na sociedade brasileira do oitocentos, a qual, nas palavras de Roberto Schwarz, consumia acelerada e sumariamente posturas, idéias, convicções, maneiras literárias, abandonando-as por outras quando conviesse¹⁷. No entanto, como ele é “aluado”, acredita que estas idéias são absolutamente suas e se aterra a elas de um modo como não faria alguém que não o fosse.

Já Rubião logo no primeiro capítulo avalia sua passagem de professor a capitalista, como herdeiro de Quincas Borba:

“Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ Roberto Schwarz. *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990. p. 40.

deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.”¹⁸

De uma cidade do interior (Barbacena) à capital (Rio de Janeiro), de professor de província a capitalista na corte, em um relance, tudo isto gera uma situação em que Rubião se sente ao mesmo tempo deslocado e ávido por adquirir os sinais exteriores de sua nova posição social. Cristiano Palha é hábil em convencê-lo de que pode supri-lo com estes sinais, e Sofia, esposa de Palha, é tanto uma parceira do marido no convencimento como também um objeto de desejo que, por isso, consegue melhor manipular Rubião a fazer o que interessa aos Palha.

É assim pelas mãos do casal que ele acredita que vai adquirir pelo menos o verniz superficial para a convivência com a classe abastada do Rio de Janeiro, abrindo mão de suas preferências e hábitos anteriores. Em seu novo lar na capital, embora estivesse acostumado “aos seus crioulos de Minas” e não quisesse “línguas estrangeiras em casa”, aceitou que Cristiano Palha lhe impusesse um criado espanhol e um cozinheiro francês¹⁹, já que eram símbolos a serem ostentados de pertencimento àquela classe.

O próprio delírio de Rubião vai além de uma simples encarnação progressiva da figura histórica de Napoleão III, com a convocação de um barbeiro francês a fim de “deitar abaixo as barbas de Rubião, para lhe deixar somente a pèra e os bigodes de Napoleão III”²⁰. Ao imaginar-se como o imperador francês, Rubião torna claro um desejo de poder, configurado no imperador, e acrescido do prestígio e *status* então vigentes da cultura francesa no Brasil. Se, como assinala Gilberto Pinheiro Passos, alçar-se à condição de imperador dos franceses é trazer à cena a paródia da necessidade nacional de integração ao mundo ocidental “civilizado”, situação que o Brasil – sobretudo após a independência – perseguiu com denodo²¹,

¹⁸ Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo I.

¹⁹ Idem, Capítulo III.

²⁰ Capítulo CXLVI.

²¹ Gilberto Pinheiro Passos. *O Napoleão de Botafogo – presença francesa em Quincas Borba de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 80-81. Passos, em outro momento, faz a indagação: “(...) dadas as condições afrancesadas do Rio de Janeiro, no século XIX, não constituiria Rubião uma espécie de símbolo paródico da comunidade que, em seus

Rubião encenar-se como Napoleão III também significa incorporar o perfil de grande amante daquele estadista. Assim, em momento de manifestação expressa de seu estado patológico, ao invadir a carruagem de Sofia, Rubião – que de fato nunca conseguiu consumir sua paixão por ela – projeta-se como se ambos estivessem vivendo uma “insaciável paixão”, que, devido às contingências de serem casados, precisaria de maior discrição²², situação que se refere a Napoleão III, inclusive quando afirma que vai fazer de Palha embaixador, senador ou duque, como se tivesse poder de fazer isto para agradar a Sofia²³.

Já que falamos de Napoleão III, é importante assinalar que, embora ele tenha sido o primeiro presidente republicano eleito na França, não é com este lado de sua vida que Rubião escolhe identificar-se, mas com a posterior condição de Imperador dos franceses, conseguida após um golpe de estado em 1851. Como sabemos, Napoleão III foi capturado na batalha de Sedan contra as forças da Prússia, em 1870, e foi deposto logo depois, fato que certamente era do conhecimento do público leitor à época da publicação do romance, entre 1886 e 1891.

Gilberto Pinheiro Passos lembra que o romance foi publicado mais de quinze anos após a derrocada do império de Napoleão III, originalmente em uma revista (*A estação*) cujo título se referia à publicação francesa *La Saison*, podendo-se, assim, supor que o público de então já sentisse, desde o início, o tom de ópera bufa presente nos delírios do provinciano: “ser o

delírios europeizantes, se julgava em Paris, buscando proscrever os trópicos?” (Gilberto Pinheiro Passos. A marca social de um delírio. In: Márcia Moura Coelho & Marcos Fleury de Oliveira. *Machado de Assis no espelho – o bruxo do Cosme Velho*. São Paulo: Alameda, 2004. p. 101-109. p. 107.)

²² “– Não te espantes, continuou ele; não nos vamos separar; não, não te falo de separação. Não me digas que morrerias; sei que havias de chorar muitas lágrimas. Eu não, — que não vim ao mundo para chorar, — mas nem por isso a minha dor seria menor; ao contrário, as dores guardadas no coração doem mais que as outras. Lágrimas são boas porque a pessoa desabafa. Querida amiga, falo-te assim, porque é preciso termos cautela; a nossa insaciável paixão pode esquecer esta necessidade. Temos facilitado muito, Sofia; como nascemos um para o outro, parece-nos que estamos casados, e facilitamos.” (Capítulo CLIII). Ivo Barbieri chama a atenção para a presença do bovarismo “em vários momentos do livro e na cena do *coupé*, em que, vítima do desvario de Rubião, Sofia é forçada a percorrer as ruas da cidade ao lado do indesejado pretendente, episódio onde Machado parodia situação análoga no romance de Flaubert.” Ivo Barbieri, org. *Ler e reescrever* Quincas Borba. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 10-11.

²³ Idem.

derrotado de Sedan, talvez marca fundamental de ascensão e queda”²⁴.

De todo modo, ao analisarmos estes dois personagens “aluados” de Machado de Assis, podemos perceber que são elaborados para criticar, ao mesmo tempo, a sociedade da época e suas práticas, inclusive a de incorporar acriticamente as idéias da moda, sem refletir mais densamente sobre os problemas que existiam nos próprios fundamentos do que se incorporava. Pelo humor e pela ironia, Machado acaba desenvolvendo esta reflexão.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*; apêndice. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1970.

BARBIERI, Ivo Barbieri (org.) *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões*; estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DARWIN, Charles. *Selected Texts*. 2ª. ed. New York/London: W. W. Norton & Company, 1979.

GLEDSON, John. *Machado de Assis – impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MELO E SOUZA, Ronaldo de. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *O Napoleão de Botafogo – presença francesa em Quincas*

Borba de Machado de Assis. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. A marca social de um delírio. In: Márcia Moura Coelho & Marcos Fleury de Oliveira. *Machado de Assis no espelho – o bruxo do Cosme Velho*. São Paulo: Alameda, 2004. p. 101-109.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Recebido em 25 de novembro de 2007

Aceito em 27 de fevereiro de 2008

²⁴ Gilberto Pinheiro Passos. *O Napoleão de Botafogo – presença francesa em Quincas Borba de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 87.